

**CADEIA PRODUTIVA DE UMA COOPERATIVA DE PRODUÇÃO
ORGÂNICA DE CAMPO GRANDE – MS**
*SUPPLY CHAIN OF ORGANIC PRODUCTION COOPERATIVE OF
CAMPO GRANDE - MS*

Grupo de Pesquisa: Grupo 8. COOPERATIVISMO E ASSOCIATIVISMO NO MEIO RURAL.

Denise Barros de Azevedo
Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul (UFMS)
denise.azevedo@ufms.br

Arhur Mancilla Giordani
Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul (UFMS)
arthurmgiordani@gmail.com

Adriano Marcos Rodrigues Figueiredo
Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul (UFMS)
amrofi@gmail.com

José Carlos de Jesus Lopes
Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul (UFMS)
jose.lopes@ufms.br

Resumo

A preocupação ambiental avança para a gestão das Cooperativas, uma vez que elas fazem parte das cadeias produtivas. Este artigo busca analisar a cadeia produtiva de produtos orgânicos de uma Cooperativa. Para isso foram coletadas informações sobre sua história, por meio de entrevista, e obtidos dados referentes ao funcionamento da mesma, por meio de questionário aplicado aos produtores. O modo de produção orgânico contribui, em níveis específicos e segundo particularidades de casos, com uma melhoria no nível do bem-estar da população. Como resultado verificou-se que há contribuições positivas ao meio ambiente, à saúde humana, à renda das famílias, emprego, saúde e segurança do trabalhador rural, e com isso diminui o nível de miséria e desemprego. Dentre os resultados para além da produção, observou-se um perfil comum aos produtores orgânicos cooperados. Verificaram-se características peculiares à produção da Cooperativa deste estudo e uma complexidade na cadeia produtiva na qual ela está inserida, propiciando assim outros desdobramentos em futuras pesquisas.

Palavras-chave: Cooperativismo. Produtos Orgânicos. Cadeia Produtiva.

Abstract

This article seeks to analyze the production chain of organic products of a Cooperative. For this they collected information about their history, through interviews, and obtained data on the operation of the same, through a questionnaire applied to producers. The organic production method contributes in specific levels and according to particular cases, with an improvement in the welfare level of the population. As a result found that contributions to the

environment, human health, income, employment, health and safety of rural workers, and thus improvement in the level of poverty and unemployment. Among the results beyond production, there was a common profile for organic growers members. There were peculiar characteristics to the production of the Cooperative of the study and a complexity in the production chain in which it operates, thereby providing other developments in future research

Key words: *Cooperativism. Organic Product. Supply Chain.*

1. INTRODUÇÃO:

O estudo da cadeia produtiva auxilia a compreensão do processo produtivo, a partir de uma visão panorâmica e sistêmica, o que permite uma maior visibilidade dos elos que a compõe e das relações que se estabelecem partindo do princípio da produção. Opwood, Mellor e O'Brien (2005) consideram extremamente indissociáveis a discussão de conservação ambiental e crescimento econômico na cadeia produtiva agroalimentar. Essa vertente ambiental possibilitou a assimilação e a integração do meio ambiente e da estrutura socioeconômica do desenvolvimento do planeta, tornando-se, assim, possível e desejável, conciliar produção alimentar, crescimento econômico e conservação ambiental, algo até então irrealizável.

Folke et al. (2005, p. 446) relatam que muitas comunidades já reconheceram a necessidade de coexistir com a mudança gradual e rápida em relação a degradação ambiental. Os conhecimentos de base de como de relacionar e responder ao *feedback* do ambiente permite que haja danos em escalas menores, em vez de ocorrer em escalas maiores, o que impede o colapso em grande proporção estão sendo trabalhados por grupos na Suíça.

Suh (2015) diz que é necessário desenvolver e promover um sistema sustentável na agricultura, para enfrentar a crise ambiental global causada, também pela agricultura convencional.

Neste sentido, a preocupação ambiental avança para a gestão das Cooperativas, já que elas estão inseridas nas cadeias produtivas, ultrapassando as fronteiras organizacionais tradicionais. Tais ampliações das fronteiras da organização ocorrem devido às questões ambientais, parcerias e alianças estratégicas entre organizações e tecnologias de informação.

Neste sentido, realçam as capacidades das Cooperativas e, por possuírem vantagens no campo de Responsabilidade social, em relação aos outros empreendimentos, principalmente pelos princípios e valores denotados às peculiaridades do desempenho social dessas organizações, garantindo uma atitude responsável (POLO et al., 2014). Há que se destacar que essas atitudes favorecem a introdução de termos de sustentabilidade em suas gestões e em suas consolidações em cadeias produtivas específicas.

Neste contexto, este artigo busca analisar a cadeia produtiva de produtos orgânicos de uma Cooperativa, um grupo de produtores, situados no Polo de Orgânicos, da Cooperativa Organocoop (Cooperativa de produtores de Orgânicos da Agricultura Familiar de Campo Grande), doravante a ser anunciada de ORGANOCOOP, a qual é formada por produtores e assentados de algumas regiões de Campo Grande – MS, oriundos da zona urbana e rural.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Cadeia Produtiva

Os estudos relativos às cadeias de produção agroindustrial e ao sistema agroindustrial evoluíram a partir dos estudos de Davis e Goldberg (1957), na década de 1950. Na década seguinte, os franceses também passaram a estudar a problemática agroindustrial, mais

especificamente às noções ligadas ao caráter sistêmico e mesoanalítico das atividades agroindustriais, que conquistaram maior relevância nos meios acadêmicos, empresariais e das políticas públicas, no final dos anos oitenta (BATALHA, 2007).

Goldberg (1968, p. 3) propõe que “um sistema de *commodities* do agronegócio engloba todos os participantes envolvidos na produção, processamento e venda de um produto único por exploração.” Cada sistema inclui, portanto, fornecedores de insumos agropecuários, os produtores, os operadores de armazenamento, os processadores, os atacadistas e os varejistas envolvidos no fluxo de uma *commodity*, desde as entradas iniciais até o consumidor final. O sistema inclui também todas as instituições que afetam e coordenam os sucessivos estágios do fluxo de uma *commodity*, como o governo, os mercados futuros e Associações (CASTRO; LIMA; CRISTO, 2002, p.6).

No trabalho de Goldberg de 1968, *Agribusiness coordination* usou-se do conceito de *commodity system approach* (CSA), cuja abordagem tem por origem uma matéria-prima, na investigação desta pesquisa mais especificamente uma *commodity*, a partir da qual existe a possibilidade do surgimento de produtos diferentes com características diversas. (BATALHA, 2009).

Na França, na Escola Francesa de Organização Industrial, surge o conceito de *filière* que corresponde à fileira ou cadeia, que mais adiante seria utilizada e defendida pelo setor rural e de agronegócio (ARAÚJO, 2007, p. 22). Este conceito também pode ser traduzido como cadeia de produção, e mais especificamente no setor agroindustrial, como: cadeia de produção agroindustrial ou cadeia agroindustrial (CPA).

Batalha (2009, p.2), estabelece uma relação entre os dois conceitos citados, conforme segue:

[...] a noção de CSA e *filière* apresenta a mesma visão sistêmica e mesoanalítica que considera que a análise do sistema agroalimentar deve, necessariamente, passar pela forma de encadeamento e articulação que gere as diversas atividades econômicas e tecnológicas envolvidas na produção de determinado produto agroindustrial.

São encontradas outras definições de *filière*, como por exemplo, a descrita por Morvan em 1985:

[...] uma sequência de operações que conduzem à produção de bens, cuja articulação é amplamente influenciada pelas possibilidades tecnológicas e definida pelas estratégias dos agentes. Estes possuem relações interdependentes e complementares, determinados pelas forças hierárquicas. (MORVAN, 1985, *apud* ARAÚJO, 2007).

Outros autores, como Montigaud (1991) deram suas contribuições na delimitação do conceito de cadeia, conforme segue: *filières* são sucessões de atividades ligadas, verticalmente, necessárias à produção de um ou mais produtos correlacionados” (MONTIGAUD, 1991, *apud* MACHADO FILHO et al., 1996).

Conforme Araújo (2007, pg. 23), a análise de *filière* de cada produto agropecuário apresenta uma série de benefícios, pois há uma melhor visualização, tanto das ações como das inter-relações comuns a todos os agentes participantes ou componentes da cadeia produtiva, sendo possível:

- ✓ efetuar descrição de toda a cadeia da produção;
- ✓ reconhecer o papel da tecnologia na estruturação da cadeia produtiva;
- ✓ organizar estudos de integração;
- ✓ analisar as políticas voltadas para todo o agronegócio;

- ✓ compreender a matriz de insumo-produto para cada produto agropecuário;
- ✓ analisar as estratégias das firmas e das associações.

A distinção entre as diferentes noções de *commodity system approach* e *filière*, segundo Azevedo et al. (2014, p. 142) ocorre devido ao: “ponto de partida da análise, definido pelo objetivo do estudo.”

Para um adequado funcionamento das cadeias produtivas, o trabalho de Neves, Zylbersztajn e Neves (2006, p. 22) ressalta a importância da análise e das intrincadas relações, que na sua complexidade interligam os produtores de insumos agrícolas, agricultores, processadores de alimentos, supermercados e consumidores, constituindo elos no processo de produção e comercialização.

Vê-se assim, que a análise das cadeias produtivas permite verificar em cada instância o que pode tornar sua função mais eficiente, com menor custo e com menos impacto ambiental e social, tendo como expectativa a melhoria de todo o processo.

2.2. Mercado de Alimentos Orgânicos no Mundo e no Brasil

De acordo com Willer e Lernoud (2014), o alcance do mercado mundial de orgânicos, em 2012, registrou um movimento de US\$ 63,8 bilhões; sendo os maiores produtores mundiais Estados Unidos, Alemanha e França, respectivamente. Ainda conforme estes autores, na América Latina os principais países em dimensão de áreas cultivadas de agricultura orgânica são Argentina (3,6 milhões de hectares), Uruguai (0,9 milhões de hectares) e Brasil (0,7 milhões de hectares). Esses breves dados mostram o potencial existente, devido à extensão territorial do Brasil, para o desenvolvimento desta atividade econômica.

Em 2006, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, ANO) divulgou um Censo Agropecuário apontando 90.497 estabelecimentos agrícolas orgânicos, sendo 5.106 devidamente certificados. Conforme dados apontados pela pesquisa de Willer e Lernoud (2014), em 2010, o Brasil exportou 187,5 milhões de euros, em produtos orgânicos. Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2015), houve um aumento na entrada dos produtores brasileiros ao mercado de orgânico, cuja diferenciação está também na ação de proteção, conservação e recomposição dos ecossistemas, além de promover alimentos mais saudáveis.

Ainda de acordo com MAPA (2015), entre os meses de janeiro de 2014 a janeiro de 2015, a quantidade de agricultores que adotaram as práticas da produção orgânica passou de 6.719 para 10.194, um acréscimo de cerca de 51,7%. A maior concentração dos produtores orgânicos por região brasileira está assim distribuída: Nordeste, com pouco mais de 4 mil, seguido do Sul (2.865) e Sudeste (2.333).

No Brasil, as Unidades de Produção também tiveram um aumento significativo, passando de 10.064, em janeiro de 2014, para 13.323, em janeiro de 2015; ou seja, um crescimento de 32%. É importante observar que para estas informações e dados estatísticos, cada produtor orgânico pode ter mais de uma unidade de produção. Ao observar em nível regional, a região nordeste é a que mais possui unidades de produção, com 5.228, seguido do Sul (3.378) e do Sudeste (2.228). Já no Norte, foram contabilizadas 1.337 unidades de produção e no Centro-Oeste, 592 (MAPA, 2015).

Os dados internacionais mais recentes dos relatórios e estudos de Willer e Lernoud (2015) mostram que, em 2013, 170 países apresentavam números referentes à certificação em agricultura orgânica e 82 países com regulamentações sobre o mercado de orgânicos. No trabalho destes mesmos autores, os indicadores referentes à agricultura orgânica, na América

Latina, apontam Argentina, Uruguai e Brasil como os países com maiores extensões em áreas com agricultura baseadas neste modo de produção, tendo como base o ano de 2013.

Em relação ao Brasil, os dados mostram que há uma oportunidade passível da agricultura orgânica de ser explorada, pois, como já visto, o país possui 0,7 milhões de hectares em áreas cultivadas de agricultura orgânica, o que corresponde somente a 0,3% de participação no total das áreas agrícolas, do país.

Como sinaliza o MAPA (2015, a área total de produção orgânica no Brasil, alcança, aproximadamente, 750 mil hectares, distribuídos da seguinte forma: “[...] sendo o Sudeste a região com maior área produtiva, chegando a 333 mil hectares. Em seguida, estão as regiões Norte (158 mil hectares), Nordeste (118,4 mil hectares), Centro-Oeste (101,8 mil hectares) e Sul, com 37,6 mil hectares”.

De acordo com a previsão do Ministério da Agricultura (2016), para o ano de 2016, referente ao mercado de produtos orgânicos, no Brasil, tende a movimentar R\$ 2,5 bilhões no país, o que corresponderia a um crescimento de 25%, se comparados ao ano anterior¹. As previsões ainda apontam para um aquecimento no setor de exportações destes mesmos produtos, na cifra de 15% a mais que em 2014².

Os agricultores que se organizam em Cooperativas possuem várias vantagens, tais como melhor negociação e poder de compra, devido ao aumento do volume de produtos dado pela filosofia da cooperação. Além disso, conforme adverte e ensina Munteanu (2014), existem grandes compradores interessados em um número maior de produtos e constantes pedidos, sendo muito mais do que um único produtor pode oferecer.

Segundo a *National Cooperative Grocer Association* (2013), 82% da produção das Cooperativas de alimentos do mundo são de produtos orgânicos. A mesma Associação ainda observa um aumento nas popularidades dessas Cooperativas, por cooperados que têm por objetivo diminuir o impacto ambiental e aumentar o valor nutricional dos alimentos.

Entre os anos de 2000 e 2010, o total de terras agrícolas orgânicas, no mundo, mais do que duplicou, passando de 14,9 milhões de hectares para 37,0 milhões de hectares, o que representou cerca de 0,9% da área total do mundo de terras agrícolas, em 2010.

Willer e Lernoud (2012) explica que graças às iniciativas do governo, a área total da agricultura biológica na Coreia aumentou em cerca de 16 vezes, sendo que eram 900 hectares em 2000, passando para 15.500 hectares, em 2010. Percebe-se que a influência da gestão pública agrega valores na produção orgânica. Dados da CDFA (2014), no Estado da Califórnia (EUA) indicam que 20% dos negócios anuais dos EUA advém da produção orgânica.

A mesma pesquisa ainda mostra que a Europa utiliza 10,6 milhões de hectares para a agricultura orgânica. O mercado alemão movimentou mais de 6.000 milhões de euros, seguido pela França com um pouco mais da metade deste valor, para com o mesmo tipo de produto. A Dinamarca possui uma quota de mercado EUROPEU de 7,2%, enquanto a Suíça atingiu 5,7%.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (IDEC, 2012), a principal forma de comercialização de orgânicos, no Brasil, é feita por meio de feiras especializadas. Em 2010, o mesmo Instituto fez um levantamento que mostrou a diferença de preço do mesmo produto nos supermercados pode chegar a 463%.

¹ Disponível em: <http://www.valor.com.br/agro/4250018/agricultura-organica-deve-movimentar-r-25-bilhoes-no-pais-em-2016>. Acesso em: 20 fev. de 2016.

² Conforme dados disponíveis em: <http://www.valor.com.br/agro/4392700/exportacoes-de-organicos-do-brasil-cresceram-15-em-2015-diz-entidade>. Acesso em: 20 fev. de 2016.

O mesmo estudo identificou e mapeou as feiras nas 27 capitais do país. Foram identificadas 140 feiras, em 22 das 27 capitais avaliadas. Em Boa Vista (RR), Cuiabá (MT), Macapá (AP), Palmas (TO) e São Luís (MA) nenhuma feira foi identificada. O Rio de Janeiro é a cidade que possui o maior número de feiras, tendo 25 espalhadas pela cidade, seguida por Brasília, com 20 feiras. Já São Paulo, a maior cidade do país, conta apenas com apenas 9 feiras.

Dados do Planeta Orgânico (2012) mostram que o Brasil exportou entre 50% a 70% da sua produção de orgânicos para outros países. São eles: Japão, Alemanha, Estados Unidos, dentre outros, com menor participação. Os principais produtos exportados foram: soja, café, açúcar, castanha de caju, suco concentrado de laranja, óleo de palma e em volumes menores, manga, melão, uva, derivados de banana, fécula de mandioca, feijão adzuki, gergelim, especiarias (cravo da Índia, canela, pimenta do reino e guaraná) e óleos essenciais. O estudo destacou que de cada 100 produtos agroindústrias existentes no país, 1,8 são voltadas para a produção orgânica.

3. METODOLOGIA.

Na busca de alcançar os objetivos anunciados na parte introdutória, delineou-se os procedimentos metodológicos, como bem ensinam Einsenhardt (1989), Creswell (2000), Gil (2010) e Marconi e Lakatos (201 e 2013).

Esta pesquisa pertencente à área de conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas. Tais como ensinam os autores pesquisados, os objetivos da pesquisa combinam a exploratória com a descritiva, uma vez que essa combinação tem por finalidade a descrição com detalhes sobre as características determinadas da cadeia produtiva dos produtos orgânicos, bem como dos atores envolvidos.

Com relação aos procedimentos de levantamento de coletas de dados, como bem ensinam Gil (2010) e Yin (2005), adotou-se o Estudo de Caso, entendido como uma estratégia escolhida em vista de apresentar capacidades peculiares na realização da pesquisa com uma considerável riqueza de evidências, sendo o *locus* da pesquisa, a ORGANOCOOP, localizada no Município de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul.

Os procedimentos dos dados coletados são primários e secundários. Os dados primários foram coletados, via censo aplicado aos 8 cooperados da ORGANOCOOP, situados no bairro Núcleo Industrial, em Campo Grande – MS. O roteiro de questionário teve como base o elaborado por Motta (2010, p. 110-114).

Esses dados primários foram ainda complementados por entrevistas e aplicação de questionário semiestruturado ao Presidente da mesma Cooperativa, FERNANDES (2016) e a engenheira NADAI (2016), idealizadora do Projeto de Produção Orgânica.

As entrevistas utilizadas nesta pesquisa foram do tipo semiestruturadas (presenciais e gravadas em áudio). Decidiu-se pela entrevista semi-estruturada diante das explicações de Marconi e Lakatos (2011, p. 81) que dizem “a entrevista é um importante instrumento de trabalho nos vários campos das Ciências Sociais ou de outros setores de pesquisas e de atividades”.

Os dados secundários foram referenciados por levantamentos bibliográficos pertinentes ao tema e que fundamentaram o aporte teórico já apresentado. Por fim, adotou-se dentre as técnicas disponíveis de análises de dados, a qualitativa. Os resultados obtidos e as discussões apresentadas são realizadas, tendo em vista as discussões teóricas tratadas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. Caracterização do Perfil dos Cooperados e da Produção Orgânica da Organocoop.

Todos os resultados e dados, a seguir, provêm do questionário aplicado aos agricultores orgânicos do ORGANOCOOP, somadas às entrevistas semi-estruturadas aplicadas aos 8 cooperados e com o atual Presidente da Cooperativa, que propiciaram o desenho dos gráficos e tabelas.

Neste ramo da agricultura orgânica, todos os produtores do Polo de Orgânicos, apresentaram um perfil característico da agricultura familiar; isto é, utilizam mão de obra 100% familiar. Além disso, todos eles fazem uso de recursos próprios para realizarem investimentos e para arcar com os custos de produção. A pesquisa mostrou que grande parte dos cooperados do Polo de Orgânicos necessita da renda auferida na sua propriedade, pois 50% destes vivem somente da renda da mesma, e a maioria, 75%, utiliza-se de 80 a 100% da renda de sua propriedade para sobreviverem, provenientes da venda dos hortifrutigranjeiros.

Sendo assim, há de se aferir que há uma dependência de subsistência para a maior parte destes produtores, em relação à renda derivada da atividade produtiva. Somente 25% deles geram em média 50% de receita por meio de suas propriedades, sendo necessárias outras funções e meios para que possam complementar suas rendas.

As duas tabelas 1 e 2 retratam os motivos pelos quais os agricultores optaram por este ramo de produção e tipo específico de trabalho associado à Cooperativa. Os somatórios ultrapassaram a marca dos 100% por conta de haver mais de uma escolha e as alternativas serem comuns às escolhas dos produtores.

Tabela 1 – Razão da escolha pelo cultivo de hortifrutigranjeiros:

Característica	Porcentagem
Conhecimento prévio das técnicas de cultivo	50,00%
Oportunidade de trabalho na área	50,00%
Baixo risco associado ao cultivo	37,50%
Valor de mercado do produto	12,50%
Participação na Cooperativa	12,50%
Incentivos e apoio	12,50%
Necessidade de trabalho/renda	12,50%

Fonte: Elaboração própria do autor.

Os resultados obtidos, tal como exposto na Tabela 2 indicam que a maioria dos cooperados optou pelo ingresso na ORGANOCOOP devido à melhoria na venda e na comercialização, somado aos benefícios de uma possível certificação e de assistência técnica disponível.

Tabela 2 – Motivos da associação à Cooperativa

Característica	Porcentagem
Melhora na venda e Comercialização	87,50%
Possibilidade de certificação e de assistência técnica	62,50%
Razões financeiras	25,00%
Incentivo do Governo e de produtores	25,00%
Trabalhar em Grupo	25,00%

Fonte: Elaboração própria do autor.

Verificou-se que todos os cooperados na produção de hortaliças utilizam o método de bandeja de mudas. A média entre eles no uso deste método é de 9,5 anos de experiência. Há opiniões divididas sobre se é um método custoso. Por bandeja, o custo varia de R\$ 3,00 a

R\$13,00, por bandeja, no entendimento de 62,50% dos produtores respondentes. Já 37,50% têm como custo mais de R\$ 13,00 por bandeja, e dependendo da variedade calcula-se que pode chegar a R\$ 60,00. A alface e a couve são as hortaliças mais utilizadas neste método por 87,50% e 75% dos produtores, respectivamente, seguidas por rúcula e tomate cereja com 62,50%.

Tabela 3 – Variedades mais utilizadas pelo método de bandeja de mudas

Variedade	Porcentagem
Alface	87,50%
Couve	75,00%
Rúcula	62,50%
Tomate cereja	62,50%

Fonte: Elaboração própria do autor.

Os produtores admitem que o uso de determinadas técnicas específicas garante uma otimização na produção e, conseqüentemente, propicia uma produtividade mais competitiva para o setor. Desta forma, auxiliam na obtenção de uma maior diversidade de alimentos no processo produtivo.

Foi captado ao longo das entrevistas, que a certificação nos terrenos dos produtores é fundamental para comprovar a procedência e confirmar que o produto de fato é orgânico. Recentemente, alguns casos de falsificações de produtos orgânicos foram constatados, através das vendas em feiras, onde produtos convencionais adquiridos em Centros de Abastecimento eram revendidos como se fossem orgânicos³.

Quando indagados sobre o processo de certificação, foi dito que todos os cooperados possuem certificação, sendo 75% certificados pela ECOCERT, 12,5% pela OCS e 12,5% por ambas.

Conjuntamente, à existência da certificação, são realizadas fiscalizações e, além disso, acompanhamento com suporte e assistência técnica do Sebrae e da Prefeitura de Campo Grande, em que técnicos monitoram a produção; todas estas ações garantem aos consumidores e à sociedade uma maior segurança referente à qualidade dos produtos comercializados. Neste sentido, a gestão pública torna-se fundamental para introduzir novas formas de desenvolvimento para alinhar as estratégias públicas com a sociedade que busca a sustentabilidade como forma de ação, neste caso, a produção orgânica.

Uma considerável parte dos cooperados vende diretamente ao consumidor final (41%), através de feiras ou na compra direta. Alguns utilizam da venda por intermediários para chegar aos consumidores. A comercialização para um número maior de varejistas e os projetos de venda aos atacados configuram-se como possibilidades futuras, ainda pouco exploradas pelos produtores. Nestas transações, verificou-se que para 87,50% dos cooperados há o recebimento de pagamentos à vista dos consumidores.

Para os consumidores finais, as feiras livres locais são escolhidas com ampla maioria dos consumidores de produtos orgânicos, em razão da oportunidade de acesso a uma informação maior sobre a procedência dos alimentos obtidos, já que por muitas vezes é omitido na compra em supermercados ou mercados (MORAES et al., 2014).

³ Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2016/01/feirantes-vendem-produtos-com-agrotoxico-como-organicos.html>. E falsificações envolvendo o ramo das Cooperativas, como visto em: <http://exame.abril.com.br/negocios/dino/noticias/corruptao-na-coaf-preocupa-cooperativas-de-sao-paulo.shtml>. Acesso em 20 fev. de 2016.

Conforme descrito pelos produtores, os cinco pontos que os clientes de alimentos orgânicos valorizam mais aparecem descritos em uma lista com as opções: Qualidade, Ser orgânico, Tradição, Atendimento, Saúde, Preço, Ambiente Comercial, Promoção, Variedade, Possibilidade de pagar à prazo. Entre estes, os principais são qualidade (28%) e saúde (24%), pois aparecem como responsáveis por mais da metade da preferência dos consumidores.

Como boa parte deles participa da realização de feiras livres, a variável atendimento (21%) torna-se presente. Ainda, entre os principais pontos escolhidos, está o fato de ser orgânico (17%), somado a uma demanda específica dos consumidores por uma maior variedade (10%) de produtos orgânicos. Tais ações evidenciam um comportamento do consumidor pela preferência à diversidade, no consumo dos produtos deste setor.

Na visão dos cooperados, algumas variáveis surgem como prováveis ao aperfeiçoamento do sistema de comercialização: Comercialização do produto diretamente para o consumidor final (19%); Redução dos intermediários do processo de comercialização (18%); Utilização de atacadistas (18%); Utilização de novos varejistas (18%); Utilização de novos parceiros, como o Governo (9%); Utilização de intermediários (9%) e Utilização de novos parceiros, como uma central de vendas (9%).

Esta relação entre o produtor e o consumidor nas duas feiras centrais em Campo Grande é evidenciada por um maior contato, configurando uma relação de proximidade entre os elos.

Nesta pesquisa os resultados obtidos em relação aos alimentos orgânicos que possuíam maior lucratividade, na visão dos produtores são: rúcula (21%), couve (12%), cheiro-verde (12%) e alface (12%), somando ao todo 57%. Observam-se as hortaliças folhosas como sendo bem recebidas pelos consumidores. Seguidas de: brócolis, couve-flor, melancia, milho, rabanete, tomate cereja, cenoura, beterraba, limão, quiabo, abobrinha e feijão-de-corda. Como são produtores de hortifrutigranjeiros, a ausência de maiores frutas e produtos de granja (como ovos) na lista é explicada por adaptações ainda vivenciadas pelos agricultores.

Segundo os produtores participantes desta pesquisa, as legislações (trabalhista, ambiental e fitossanitária) têm os seguintes impactos nas propriedades dos mesmos, mencionados na seguinte ordem: seguir normas de produção orgânica – 100%; cuidados com o meio ambiente, preservação e uso sustentável – 62,5%; responsabilidade na questão de higiene e sanitária – 37,5%; e, estar atento à questão social e trabalhista que garantem a certificação – 25%.

Sendo assim, ademais de vigorar como um mercado promissor, de possuir particularidades produtivas – com benefícios e desafios, e de todas as implicações consecutivas da escolha de um determinado modo de produção (e suas características respectivas), os produtores orgânicos observam e projetam resultados otimistas que a agricultura orgânica vem gerando e pode gerar ainda mais, para a sociedade local.

4.2. A Cadeia Produtiva da Organocoop

4.2.1 Insumos

Nesta cadeia produtiva, os insumos utilizados que possibilitam a realização e manutenção da produção orgânica estão representados pelos fornecedores de insumos aos cooperados, e caracterizados conforme a lista de produtos a s e os fertilizantes orgânicos que auxiliam na produção de orgânicos.

Existem ainda as empresas que vendem equipamentos ou estruturas utilizados no processo de produção e que são adquiridos individualmente pelos produtores. Convém destacar que entre os insumos, algumas mudas, extratos caseiros e caldas repelentes, bokashi e farelos são produzidos pelos próprios cooperados, pois alguns deles têm capacitação e experiências com as técnicas produtivas exigidas.

Um dos principais insumos especificamente para este modo de produção orgânico é a elaboração de compostos orgânicos, através do método da compostagem, podendo ser misturados diferentes insumos a fim de melhorar a concentração e diversificação de nutrientes. Para a compostagem podem ser usados esterco, farelos, capim local, bokashi, húmus e restos de produções orgânicas, havendo bastante reaproveitamento e somente há o descarte do que não é possível de ser decomposto ou que esteja de algum modo contaminado o que comprometeria as características do orgânico;

Conforme afirma o Presidente da ORGANOCOOP, 50% dos produtores encontram dificuldades em conseguir sementes, mudas e esterco. Aos cooperados do Polo de Orgânicos, no período de chuvas excessivas e na entressafra costumam faltar sementes. Já a falta de esterco se dá nos meses de junho e julho; quanto à dificuldade de conseguir mudas decorre de problemas nas sementes ou dificuldades na produção.

Ainda de acordo com ele, tal fato se agrava porque a maioria dos fornecedores de insumos ainda produz e utiliza métodos convencionais para oferecer seus produtos, o que denota um baixo poder de barganha em relação a este elo da cadeia produtiva. Estes aspectos demonstram o quanto estão relacionados os insumos às mudanças do tempo e clima e ao manejo feito dos mesmos.

No que diz respeito às sementes, a produção de orgânicos no Brasil está atravessando um período de grande desafio na obtenção de sementes crioulas. Os produtores estão conscientes que são necessárias pesquisas e manejos que estejam voltados para o resgate desse tipo de sementes. O Presidente da Cooperativa considera que este é um dos grandes desafios que deverão ser superados. Ele recorda que a Lei 10.831/03, conhecida como a Lei da agricultura orgânica, expõe a exigência do uso de sementes orgânicas /biodinâmicas (crioulas) certificadas⁴.

Por outro lado, é importante mencionar que dado o quantitativo de insumos que pode ser adquirido pela ORGANOCOOP, o valor dos mesmos é mais conveniente para os produtores, se comparado com a compra a varejo. Tendo em vista as exigências próprias aos orgânicos, previstas nas leis que os regem, constatou-se uma baixa diversidade em relação aos fornecedores de insumos de modo geral, e em determinados casos ausência de oferta de insumos, evidenciando assim, uma barreira para o acesso aos insumos que atendessem estas exigências.

4.2.2 Produção

Conforme ensina a literatura, a produção agrícola orgânica ou convencional necessita de condições climáticas favoráveis e as condições indispensáveis que são água, nutrição/adubação do solo e exposição ao sol. São utilizados alguns equipamentos com menor ou maior densidade tecnológica para otimização da produção, como por exemplo: a irrigação de canteiros, ou o uso opcional de máquina para a capina podendo ser realizada fisicamente.

A nutrição do solo é vital à produção orgânica, usando-se desde técnicas de adubação verde à permanência de cobertura morta, que auxilia na regulação da temperatura e umidade do solo, o que favorece a manutenção da vida dos microrganismos.

A técnica da compostagem apresenta diversas especificidades, podendo ter diferentes insumos adicionados, e/ou ter uma fórmula determinada com farelos, cinzas, farinhas, entre outros recebendo o nome de Bokashi. A diversificação dos hortifrutigranjeiros dá-se através

⁴ Há diversos estudos nesse sentido, entre os quais menciono as pesquisas desenvolvidas pelo engenheiro agrônomo Pedro Jovchevich na área de melhoramento de plantas. Disponível em: http://www.biobrazilfair.com.br/2011/codigo/arquivo/DESAFIOS_DA_PRODUCAO_DE_SEMENTES_ORGA_NICAS_2011.pdf. Acesso em: 20 de fev. de 2016.

de compras de novas sementes, de trocas entre produtores, recebimento de doações e fomento a novas espécies consideradas raras ou exóticas, o que contribui com a biodiversidade. Esta filosofia de agricultura sustentável está de acordo com grande parte dos consumidores de produtos orgânicos, os quais se beneficiam e apoiam a diversificação e comercialização de maiores variedades dos hortifrutigranjeiros.

A ORGANOCOOP está cadastrada no Projeto PAIS⁵, que tem parcerias com a Fundação Banco do Brasil, a Prefeitura Municipal de Campo Grande e o Sebrae⁶. A fundação Banco do Brasil proporciona o subsídio. Já, o Sebrae fica responsável pela coordenação e a Prefeitura responsabiliza-se com a assistência técnica. Por vezes, a Prefeitura não consegue cumprir com sua parte. Quando isso ocorre, o Sebrae assume essa função com a oferta de cursos, qualificações e assistência técnica.

Um item importante a ser mencionado refere-se à escolha dos produtos a serem cultivados. De um modo geral, observam os produtos que estão em falta no mercado; contudo trata-se de uma escolha de cada produtor do grupo do Núcleo Industrial.

Como se sabe, os bens alimentícios cultivados pelos agricultores orgânicos são perecíveis, o que impõe que os produtos precisam ser colhidos e levados ao consumidor final, o mais rápido possível.

Portanto, não é possível formar um estoque, nem mesmo com as abóboras e melancias, produtos que duram um pouco mais, se comparados com outros de maior perecibilidade. Esta característica dos produtos cultivados pelos agricultores orgânicos exige um manejo comercial muito bem organizado, para evitar a perda comercial dos mesmos.

Os produtos que são descartados ou que não conseguem ser comercializados ou consumidos pelos próprios produtores vão a descarte na área do plantio, tornando-se adubo. Nesse sentido, nada é descartado, pois todos os restos são reaproveitados como adubo orgânico, por meio do processo de compostagem.

4.2.3 Processamento, distribuição e comercialização

Todos os produtos são comercializados direto do produtor ao consumidor, seja nas feiras livres, seja no escoamento pela ORGANOCOOP aos intermediários e outros consumidores, por exemplo: restaurantes, supermercado, dentre outros.

Há que se destacar que as variedades de hortifrutigranjeiros orgânicos possuem um alto potencial para serem processadas, tanto para a geração de novos produtos alimentícios (atendendo a novos mercados), quanto pela formulação de novos pratos para a gastronomia, como também para atender a demanda do público específico dos consumidores de produtos orgânicos, bem como outros segmentos, que podem consumir estes produtos orgânicos, como por exemplo, hospitais, creches, escolas, entre outros.

Para efetuar o escoamento da produção, a ORGANOCOOP conta com um caminhão próprio, que é utilizado tanto para o transporte para as feiras livres, quanto para a entrega em restaurantes, supermercados, bem como para os projetos da Prefeitura/governo. Quando os produtos tiverem outros destinos, em decorrência do comércio direto do produtor do Polo de Orgânicos (sem passar pela Cooperativa), este utiliza seu automóvel particular, o que também pode ocorrer quando os agricultores se dirigem às duas feiras livres das quais participam. Por último, a compra dos produtos também se dá no próprio local de produção. Interessante a

⁵ PAIS: Produção Agroecológica Integrada e Sustentável. Mais informações estão disponíveis em: <http://tv.sebrae.com.br/media/3WuQN/>

⁶ O Sebrae é uma entidade privada que apoia as micro e pequenas empresas, e tem parcerias com os setores públicos e privados. Informações disponíveis em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae>

observar que alguns consumidores preferem ir até as propriedades dos agricultores do Núcleo Industrial e lá efetuarem a compra.

Na comercialização desta cadeia produtiva existe um elo informal de atravessadores, conhecidos como bicicleteiros, intermediários que revendem os produtos de porta em porta ou aos clientes já conhecidos. No entendimento do Presidente da ORGANOCOOP, a existência destes intermediários caracteriza um desafio que ela, sendo que já estão trabalhando para se adequarem as normas de funcionamento da própria Cooperativa.

Ainda para ele, há muitos desafios, como por exemplo, no caso das sementes crioulas, que também outras Cooperativas no Brasil semelhantemente buscam solucionar este entrave. Neste caso, poderiam fazer parceria com as organizações públicas para ajustar as demandas com as pesquisas já existentes.

Os agricultores praticam uma seleção de qualidade dos produtos considerando a qualidade visual que apresentam, tendo estas implicações diretas na determinação do preço. Por exemplo, os frutos menores são vendidos a preços menores, sendo os maiores mais valorizados.

Foi constatada ainda que a determinação do preço pode se dar pela pesagem (por quilos) ou por unidade. Conforme informações fornecidas pelos produtores, a formação de preço, muitas vezes, dá-se via comparação aos preços dos produtos agrícolas cultivados de maneira convencional, não considerando, portanto, o custo e a valorização da mão de obra aplicada na produção de orgânicos⁷.

Observa-se que este é um aspecto que necessita ser mais discutido pelos cooperados. A determinação dos preços que os produtores estipulam costuma sofrer a barganha exercida pelos consumidores, o que fragiliza a manutenção de determinações tomadas entre os cooperados. Esta é uma questão a ser trabalhada na ORGANOCOOP, lembrando que a Cooperativa foi constituída principalmente pensando na comercialização da produção dos cooperados.

Diante dessas observações e análises até aqui expostas, vários questionamentos podem ser levantados: porque os consumidores de produtos orgânicos não se permitem pagar um prêmio aos produtos orgânicos, mesmo reconhecendo às diversas vantagens que eles produzem ao homem do campo, ao meio ambiente e à qualidade dos alimentos consumidos?

4.2.4 Perfil dos consumidores

Os consumidores da ORGANOCOOP pertencente à cadeia produtiva do Polo de Orgânicos são os restaurantes, supermercados, os projetos Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), através da Prefeitura local e as vendas diretas por meio das feiras livres onde e quando acontecem os contatos diretos com os consumidores finais. Há propostas em relação às lojas atacadistas para compras em atacado de orgânicos.

Existem alguns intermediários que revendem os produtos orgânicos dos cooperados em outras localidades. Aqui há de se indagar sob quais condições de preços os produtos orgânicos seriam adquiridos face ao grau de competitividade existente entre as grandes redes de supermercados.

A garantia para a sociedade da veracidade e procedência dos produtos orgânicos evidencia-se através dos selos orgânicos e certificado de orgânicos. Os produtos orgânicos da

⁷ Em vista da produção e manejo diferenciados entre os produtos convencionais e os produtos orgânicos, os produtores de orgânicos acreditam que os produtos orgânicos deveriam ser mais caros, porém na prática observa-se que os produtos da feira de orgânicos por vezes são mais baratos que os convencionais e que os produtores preferem vende-los a perder a oportunidade de comercializá-los, perdendo assim seu poder de barganha.

ORGANOCOOP estão em conformidade com a certificação orgânica e possuem selo, além de código de barras para a comercialização⁸.

Os clientes, além de exigir estas provas para saber se de fato são orgânicos, desejam ter suas demandas atendidas ao longo do ano; ou seja, esperam encontrar os produtos para consumo nas diversas estações. Na procura pelos orgânicos, os clientes comumente utilizam o jargão bom, bonito e barato, havendo um alto poder de barganha dos consumidores nas compras de venda direta nas feiras livres, mas sem poder de barganha nas lojas ou comércios.

Em outro momento, da entrevista, o Presidente da ORGANOCOOP afirmou que os produtores estão conscientes que deveriam investir em tecnologia para manter e aprimorar a qualidade dos produtos que ofertam. Para tanto, devem estar em constante mobilização nas diversas frentes, entre elas o aprimoramento da mão de obra via cursos e assistência técnica e uma linha de financiamento que considere todas as prerrogativas decorrentes da produção e comercialização de produtos altamente perecíveis como são os produtos orgânicos.

Neste item foram tratados aspectos que versam sobre os insumos, processamento, distribuição e comercialização na produção orgânica do Polo de Orgânicos da ORGANOCOOP, bem como foi traçado um perfil dos consumidores que têm interesse e adquirem produtos orgânicos.

Ficou evidenciado que este é um setor que trabalha com produtos altamente perecíveis, o que exige que seja aprimorado o processo de comercialização. Há alguns pontos que evidenciam fragilidade na cadeia produtiva, como a incipiente oferta de sementes crioulas e outros insumos de controle natural de pragas e insetos para esses produtores, bem como a necessidade de refletir sobre a formação de preços diante principalmente de duas exigências: a certificação por parte dos órgãos reguladores e dos consumidores e a oferta dos produtos orgânicos a preços atraentes.

Evidenciou-se, através da pesquisa, uma dicotomia entre a produção de produtos hortifrutigranjeiros orgânicos e os produtos convencionais. Enquanto os primeiros estão submetidos a uma séria fiscalização no processo de produção, os produtos convencionais não enfrentam o mesmo processo tão rígido. E, ao chegar ao consumidor final, os produtos orgânicos têm o preço comparado aos produtos convencionais. Este fenômeno torna-se um fator de desestímulo aos produtores, visto o trabalho que implica o manejo da agricultura orgânica como uma agricultura que respeita e se preocupa pela saúde do consumidor e a sustentabilidade do meio ambiente.

Nas entrevistas semi-estruturadas com os agricultores emergiu o aspecto da continuidade como um ponto preocupante, em vista da escassa mão de obra qualificada para o cultivo correto de produtos orgânicos e, por se tratar de um segmento incluído na agricultura familiar. Foi uma constante verificar que os filhos dos agricultores orgânicos não veem esse mercado como um futuro meio de subsistência e realização profissional. Em média, 5% do número total de filhos destes produtores mostravam-se dispostos a continuar na mesma área de trabalho dos pais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos processos que integram a cadeia produtiva estudada teve como base um referencial teórico específico, auxiliados pelas visitas técnicas realizadas junto ao Polo de Orgânicos, além das visitas às principais feiras livres de orgânicos da cidade de Campo

⁸ Conforme depoimento do Presidente da Organocoop, existe uma constante fiscalização em relação aos métodos de produção tanto do Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), quanto da Ecocert, que fiscaliza periodicamente. O MAPA não mantém um cronograma de visitas e atua quando se dá uma denúncia, registrando as ocorrências em relatórios para uma providência do MAPA.

Grande - MS. Todos estes fatores contribuíram para a triangulação dos dados e análises dos resultados.

A composição das atividades econômicas da ORGANOCOOP, especificamente, do grupo do Núcleo Industrial em estudo, é beneficiada com um maior número de elos na cadeia produtiva. Ao longo deste estudo constatou-se a importância entre os agentes nas diferentes etapas de produção, juntamente com os diferentes elos para o escoamento da produção dos cooperados.

Nesta pesquisa, os elos mais significativos são as feiras livres e os projetos do governo. Igualmente os fornecedores de insumos, específicos aos orgânicos, são imprescindíveis para a produção.

Os cooperados que participaram deste estudo possuem em comum (em 100% dos casos) algumas características, ademais de todos serem certificados, que denotam o seguinte perfil: mão de obra de base familiar, experiência na área acima de cinco anos, investimentos realizados por meio de recursos próprios, nível de escolaridade baixo, treinamento e capacitação técnica.

Verificou-se uma relação de dependência com a renda gerada da atividade produtiva, o que em ampla maioria configura uma necessidade do trabalho com orgânicos como meio de subsistência. Por isso, o desenvolvimento desta área viabiliza oportunidades de melhorar o nível de renda, oportunidade de emprego (contribuindo com o nível de desemprego), possibilidade de contribuir com a redução da pobreza e da miséria, benefícios à saúde e segurança do trabalhador rural, proporcionando uma melhora no nível do bem-estar.

Observou-se um déficit na sucessão da mão de obra familiar dos cooperados, que poderia prejudicar a continuidade da agricultura familiar, através de sua descendência. Isto porque entre outros fatores parece haver uma cultura já estabelecida expressa pela busca de um maior nível de renda, oportunidade de emprego, acesso ao conhecimento e/ou ascensão profissional, que permeiam a dicotomia histórica campo x cidade.

As novas reconfigurações do nível micro ao macro provenientes do fortalecimento da agricultura orgânica pode mudar esta cultura relatada pelos produtores. Sendo assim, um melhor nível de escolaridade aos agricultores familiares e da população rural não necessariamente significaria um maior êxodo rural, mas sim poderia ser um fator de fortalecimento, especialização e otimização, propiciando melhores condições ao setor da produção orgânica.

Instauram-se como futuros desdobramentos para o tema estudado, uma pesquisa minuciosa da cadeia produtiva (do mesmo grupo, de determinados grupos de cooperados ou mesmo da Cooperativa toda) e as particularidades das relações entre os elos da cadeia. Há também a possibilidade de ampliar o foco através de uma perspectiva mais abrangente, analisando e caracterizando a estrutura e o funcionamento da cadeia produtiva da cidade – Campo Grande/MS, e com isso mapear e compreender a complexidade das inter-relações inerentes à mesma.

Em virtude da agricultura orgânica ser uma possível resposta e solução à preservação do meio ambiente, à saúde dos seres humanos, e uma gestão mais sustentável nas diversas esferas com a continuidade da produção, no que tange seus entornos e as áreas afetadas por eles, são necessários maiores estudos que viabilizem e tornem conhecidos tanto as etapas e processos, os agentes e os elos, como também as otimizações, dimensões e especificidades produtivas.

REFERÊNCIAS

BABBIE, E. *The practice of social research*. 4th ed. Belmont, Wadsworth Publisher, 1986.

- BACKER, Paul. *Gestão ambiental: administrando o verde*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.
- BARBIERI, José Carlos. *Gestão Empresarial Ambiental*. São Paulo: Saraiva, 2004.
- BARDSLEY, S.K.; BARDSLEY, A. M. *Organising for socio-ecological resilience: The roles of the mountain farmer cooperative Genossenschaft Gran Alpin in Graubunden, Switzerland*, 2014.
- BATALHA, M. O. Gerenciamento de sistemas agroindustriais: definições, especificidades e correntes metodológicas. In: BATALHA, M. O. (Coord.), *Gestão agroindustrial*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007, p. 1-62.
- BRODT, S.; KLONSKY, K.; STROCHLIC, R.; SIERRA, L. Producers continuing versus exiting from organic production in California USA: Regulatory, technical, and economic challenges. Proceedings of the 4th ISOFAR Scientific Conference. *Building Organic Bridges, at the Organic World Congress*, Istanbul, Turkey, 2014.
- CALIFORNIA DEPARTMENT OF FOOD AND AGRICULTURE (CDFA), 2014. Disponível em <<https://www.cdffa.ca.gov/>> Acesso em: 10 de janeiro de 2016.
- CRESWELL, John W. *Projeto de Pesquisa*. Métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre, Artmed, 2000.
- DONAIRE, Dennis. *Gestão ambiental na empresa*. São Paulo: Atlas, p.169. 1999.
- EINSENHARDT, Kathleen M. *Building theories from Case Study Research*. *Academy of Management Review*, Oct 1989. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=5W6WAs46xecC&oi=fnd&pg=PA65&dq=building+theories+from+case+study+research&ots=E0FuoDrVL&sig=Tf5cwRBZ8qhM_xZs6Z2WO9yIjEk#v=onepage&q=building%20theories%20from%20case%20study%20research&f=false>. Capturado em ago_2015.
- FILHEM, L. B. *Publicada a Regulamentação da Agricultura Orgânica no Brasil*. 2010. Disponível em: <<http://sendosustentavel.blogspot.com.br/>> Acesso em: 02 abr. 2015.
- EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUARIA (EMBRAPA). *Produção, mercado e certificação de produtos orgânicos*, Brasília, 2005.
- FERNANDES, Vanderlei Azambuja. Entrevista [fev. 2016]. Entrevistador: MORAES, A. E. L. Campo Grande: UFMS, 2016. 1 cassete sonoro. Entrevista concedida ao Projeto de Gestão Ambiental nas organizações rurais de produção orgânica do entorno de Campo Grande - MS: o caso de uma cooperativa.
- FOLKE, C., HAHN, T., OLSSON, P., NORBERG, J. *Adaptive governance of social – ecological systems*. *Annual. Rev. Environ. Resour.* 30, p. 441–473, 2005.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GOLDBERG, R. A. *Agribusiness coordination: a system approach to the wheat, soybean, and Florida Orange economies*. Division of Research: Havard University, 1968.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE DEFESA DO CONSUMIDOR. Na rota dos orgânicos. *Revista do IDEC*, São Paulo, fev. 2012. Disponível em: <<http://www.idec.org.br/emacao/revista/diferenca-que-incomoda/materia/na-rota-dos-organicos>> Acesso em: 15 abr. 2015.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do Trabalho Científico*. Procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicação e trabalhos científicos. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

_____. *Técnicas de pesquisa*. Planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2011.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO (MAPA). *Regularização da produção orgânica*. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/comunicacao/noticias/2016/02/produtos-vegetais-e-organicos-vao-ter-uma-nova-ferramenta-de-fiscalizacao>> Acesso em: 22 de janeiro de 2016.

MUNTEANU, A.R. *Agricultural Cooperatives for rural Development in Romania*. SEA – Practical Application of Science, 2014.

NATIONAL COOPERATIVE GROCER ASSOCIATION (2013). *Healthy Foods, Healthy Communities*. Disponível em: <http://www.uwcc.wisc.edu/pdf/Healthy_Foods_Healthy_Communities.pdf> Acesso em: 10 de janeiro de 2016.

OPWOOD, B.; MELLOR, M.; O' BRIEN, G. *Sustainable Development: Mapping Different Approaches*. Sustainable Development, v.13, 35-52. 2005.

PLANETA ORGÂNICO. *Mercado e consumo de alimentos orgânicos no mundo*. 2012. Disponível em: <<http://planetaorganico.com.br/site/index.php/relatorio-n1/?s=possui%2090%20milh%C3%B5es%20de%20hectares%20agricultur%C3%A1veis>> Acesso em: 17 abr. 2015.

POLIT, D. F. & HUNGLER, B. P. *Nursing research: principles and methods*. 3rd ed. Philadelphia, J. B. Lippincott, 1987

POLO, F. C.; VÁZQUEZ, D. G. *La revelación social en sociedades cooperativas I: una visión comparativa de las herramientas más utilizadas en la actualidad*. (p.7-34) Revesco N° 114 - Primer Cuatrimestre, 2014.

SUH, J. *Communitarian cooperative organic rice farming in Hongdong District, South Korea*. Geography, Environment and Population, School of Social Sciences, The University of Adelaide, Adelaide, SA 5005, Australia, 2015.

EMBRAPA. *Sistema de Gestão Ambiental: aspectos teóricos e análises de um conjunto de empresas da região de Campinas - SP*: EMBRAPA, 2013.

THEODORSON, G. A. & THEODORSON, A. G. *A modern dictionary of sociology*. London, Methuen, 1970.

TIETENGERG, T., LEWIS, L. *Environmental and Natural Resources Economics*. Pearson, Upper Saddle River, NJ, 2012.

WILLER, H., KILCHER, L. *The world of organic agriculture – Statistics & Emerging Trends 2012* FiBL, Frick and & IFOAM Bonn, 2012.

WILLER, H., LERNOUD, J., KILCHER, L. *The World of Organic Agriculture: Statistics and Emerging Trends*. International Federation of Organic Agriculture Movements (IFOAM). Bonn, 35e120. 2012.

YIN, Robert. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.



**54º CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA,
ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL**
Universidade Federal de Alagoas –UFAL - Maceió /AL
14 a 17 de agosto de 2016

YOUNG, S. T. *The Geography of Food Cooperatives in the United States*. Vol. 6. Special Issue Article 2, 2014.